

“Oriundis” e descendentes comemoram amanhã

# 100 anos da imigração italiana

Amanhã, 11 de outubro, a colônia italiana de Campinas estará comemorando o centenário de imigração de trabalhadores “oriundi” que pela primeira vez pisaram em solo paulista no ano de 1882, quando chegaram através de navio no porto de Santos. Um acontecimento que influenciou profundamente a cultura brasileira. Tanto nos hábitos, como na política, no direito, nas artes e no trabalho.

A história da imigração italiana não se localiza apenas na simples vinda de trabalhadores — em sua maioria camponeses e lavradores — para o Brasil. Motivos diversos os levaram a deixar sua terra natal para buscar em outros países — principalmente no continente americano — América do Norte e do Sul — uma vida melhor. A Itália, em meados do século XIX se ressentia das guerras napoleônicas e das brigas internas pela sua unificação. No final daquele período, a industrialização passou a ameaçar também a mão-de-obra que via nas máquinas o grande inimigo destinado a tirar-lhes as fontes de sobrevivência.

Somente entre os anos de 1846 e 1932 mais de 10 milhões de italianos deixaram seu país em busca de outras terras promissoras. No Estado de São Paulo, entre os anos de 1877 e 1914 chegaram quase que 10% do total de imigrantes, totalizando 845.816 “oriundis” que vieram aqui trabalhar. Além deles, vieram para cá outros 183.726 passageiros de primeira e segunda classes de navios. Deve-se notar que os imigrantes eram trabalhadores que viajavam gratuitamente. Um acordo italo-brasileiro com finalidades de trazer ao Bra-

sil mão-de-obra que havia em demasia na Itália, proporcionava aos desempregados daquele país viajarem com passes fornecidos pelos governos. Já os passageiros de primeira e segunda classes viajavam por conta própria.

Os viajantes vinham para o Brasil a fim de encontrar trabalho que na Itália estava ficando raro. Tanto os imigrantes do Norte, especializados em manufaturas (sapateiros, pintores, padeiros), como do Sul, que se ligavam mais à industrialização, chegaram aqui para, principalmente, se dedicar ou à lavoura, ou ao comércio ou então a serviços de manufatura.

## Escravos

Na região de Campinas, o café era produto predominante. As grandes fazendas das famílias tradicionais empregavam os imigrantes, substituindo-os à mão-de-obra escrava. No final do século passado, pouco antes da libertação dos escravos os latifundiários preferiram empregar trabalhadores de países europeus e asiáticos que aqui chegavam, em vez de africanos negros. Os acordos que o governo brasileiro começava a fazer então, com finalidade de substituir a escravidão pelo trabalhador remunerado, com outros países buscava atender reivindicações dos proprietários de cafezais. Isto porque comprar escravos da África era muito caro. A Inglaterra já atacava navios negreiros e a perda deles era constante. Assim aos imigrantes ficava mais fácil entrar no Brasil e, conseguirem emprego devido a suas experiências no país de origem. O escravo que ainda trabalhava forçosamente aguardava sua libertação que veio em 1888.



Ao centro, o professor de música Emilio Giorgetti, que durante anos lecionou música para suas alunas de Campinas

## “Circolo Italiani Uniti”

A Casa de Saúde de Campinas é considerada um dos mais importantes hospitais da cidade. Com seu prédio construído atrás da igreja de São Benedito, ali muitos italianos dedicaram parte de suas vidas. Antes de ter esse nome, ela era conhecida como “Circolo Italiani Uniti”.

No Brasil, os italianos enfrentavam as dificuldades da adaptação como qualquer cultura tem para se integrar a outra. Por isso, se reuniam em associações onde podiam se identificar com maior facilidade. Luis Cenin, em seu livro, “Imigração Italiana no Brasil” conta na página 247: “As origens de quase todas as sociedades italianas que se formaram no Brasil são bastante parecidas: certo dia um emigrado, ou um pequeno número deles, resolve convocar uma assembléia mais ou menos numerosa; são estabelecidas as linhas gerais de ação, quase sempre assistencial ou recreativa; é escolhido um nome e trata-se de juntar dinheiro para realizar aquilo que sempre constitui a aspiração destes grêmios: a sede própria. Sedes próprias de sociedade italianas existiram nas cidades mais importantes e em lugares quase desconhecidos onde, com o mesmo amor, era guardado, ao lado de grandes oleografias que representavam o rei, a rainha ou os príncipes, os estandartes tricolores”.

“Não diferente foi a história da fundação, em Campinas, no ano de 1881, do “Circolo Italiani Uniti”. Attilio Bucci, até hoje lembrado naquela

cidade como “patrioti sognatore”, venceu todos os obstáculos iniciais, realizou uma assembléia no teatro São Carlos e as atividades foram reconhecidas, três anos depois, pela Prefeitura que doava um vasto terreno a fim de que nele fosse construída a sede própria. Em 1884, a 20 de setembro, era colocada a primeira pedra do edifício numa praça existente atrás da igreja de São Benedito, que foi chamada Anita Garibaldi. Em menos de dois anos, os italianos de Campinas realizavam seu sonho, iniciando uma intensa atividade não somente recreativa, mas também instrutiva, pois quatro salas do edifício foram destinadas ao ensino primário em língua italiana, que contava com grande número de alunos”.

## Febre amarela

Mas, o “Circolo Italiani Uniti” estava mesmo destinado a servir aos doentes e não apenas às atividades educacionais-recreativas. No mesmo livro, Cenim história: “Mas em 1889 houve uma aterradora epidemia de febre amarela que obrigou a população a deixar quase deserta a cidade, fugindo do mal que provocava grande número de mortes. Os que permaneceram procuraram enfrentar a situação e as instalações do “Circolo” transformaram-se em hospital de isolamento, abrigando grande número de doentes”. Mais tarde, a associação passa a se dedicar aos doentes vindo a se transformar num dos mais importantes da região.



Até dinheiro foi cunhado para uso dos imigrantes. O Banco Italo-Brasileiro foi responsável pela emissão do “Il Dolaro Per La Patria”, que serviu de moeda durante alguns anos para os “oriundis”

**SANASA-CAMPINAS**  
Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S.A.

## FALTA D'ÁGUA

(Interligação do reforço do Taquaral com a Subadutora Norte)

Tendo em vista a execução da interligação do reforço do Taquaral com a Subadutora Norte, visando melhoria no abastecimento de água, a Sanasa-Campinas comunica que haverá falta d'água nesta segunda-feira, dia 11 de outubro, das 6 às 22h, nos seguintes bairros:

V. Nogueira, P. São Quirino, Jd. Santana, Jd. Nilópolis, Chácara Primavera, Mansões Santo Antonio, Fazenda Santa Cândida, Jd. Santa Genebra, V. Costa e Silva, V. Miguel Vicente Cury, Santa Genebra, Cidade Universitária, Jd. Guanabara, Taquaral, P. Taquaral, V. Nova, Jd. IV Centenário, Castelo Branco, Jd. Garcia, V. Padre Manoel da Nóbrega, Jd. Paulicéia, São Marcos, Santa Mônica, Campineiro, Amaraís, P. Brasília, Jd. Boa Esperança, Jd. Conceição, V. 31 de Marco, N. Sra. Auxiliadora, São Bento, Aurocan, Miranda, Eulina, Jd. América, Pacaembu, Jd. do Vovô, Interlagos, V. Pe. Anchieta, Jd. Aparecida, Jd. Boa Vista, Boa Vista, Parque Via Norte, Parque Fazendinha, V. Proost de Souza, Bandeirantes, V. Teixeira, V. Itália, Castelo, Jd. Chapadão, Bonfim, Botafogo, V. Itapura, Campos Elíseos, Vila Rica, Ipaussurama, Parque Florença, Tropical, Novo Campos Elíseos, Jd. Santa Lúcia, Jardim Mária, Jardim Alvorada, Aerocontinental, Capivari, Parque Ipiranga, Jd. Amoreiras, Ieda, Campo Grande, Roseira e São Judas Tadeu.

A Sanasa informa ainda que os casos de urgência, podem ser comunicados pelo telefone 31-6166, para atendimento através de caminhões-tanques.

## De Veneza para Campinas

A história da família Ággio — uma das primeiras a chegar em Campinas, no ano de 1886 — é cheia de idas e voltas. Naquele fim de século, Pietro Ággio embarca em Veneza com destino ao Brasil. Imigrante favorecido pela lei da imigração, desembarca no porto de Santos e busca emprego na pequena Vila de Sousas. Naquela época, o atual distrito pertencente a Campinas, vivia das fazendas de café e seus proprietários aristocratas. Pietro consegue emprego na lavoura cafeeira. Com sua esposa, tem o filho Luigi. Depois de alguns anos trabalhando volta para rever a querida Itália antes que tivesse início a 1ª Guerra Mundial. Seu filho Luigi vai junto. Mas, em 1951, após participar de duas guerras — a de 1914 e 1940 — vem para o Brasil com três dos cinco filhos que tinha. Chega em Campinas, também, com Adriano, Giuliano e Felici. Faziam parte do último grupo de imigrantes favorecidos pelo acordo italo-brasileiro. Com eles, 70 famílias vieram juntas. Mas, só os Ággios ficaram. “Nós tivemos fé. Por isso ficamos”, conta Giuliano com seu forte sotaque italiano, mesmo vivendo no Brasil há 31 anos. As outras famílias preferiram voltar, pois encontraram muitas dificuldades de adaptação.

Hoje, os Ággios são proprietários de uma das principais indústrias de calçados do País: a Vêneta. Com Giuliano trabalham Dante, irmão mais velho de Adriano e Felici. Ainda há a irmã Juliana, residente em São Paulo. Giuliano ao contar o início da sua vida no Brasil, fala das dificuldades e da colaboração dos irmãos Felici e Adriano com a pequena indústria de sapatos que tinha início naquela época. Ele era o sapateiro especializado, que aprendeu seu ofício em Veneto, ou Veneza, como é mais conhecida pelos brasileiros.

Enquanto Giuliano martelava pregos no couro curtido, Felici executava serviços de pintura em construções. Adriano possuía até dois empre-

gos: enfermeiro e garçom. Porém, ambos sempre destinavam pequena parte de seus salários à sapataria onde o irmão trabalhava. Esse capital cresceu e puderam aumentar a capacidade produtiva na pequena fábrica. Em 1960, Dante, o mais velho, retornou ao Brasil para se juntar aos irmãos. Deixara o pai, Luigi na Itália, para onde tinha ido em 1957 ficando os filhos aqui. O primogênito logo que chega a Campinas já se associa ao trabalho da família. De lá para cá, a pequena sapataria Vêneta cresceu e hoje os quatro são sócios de uma das principais indústrias de calçados da região. Empresa que exportou sapatos pela primeira vez em 1970, tornando-se pioneira no Brasil na venda de calçados para o exterior.

A história da família Ággio se confunde com a de muitas outras que vieram para o Brasil trabalhar. Em busca da sobrevivência, os italianos formaram riquezas do nada. Apenas entregando seus braços ao trabalho. Atualmente, fortunas envolvendo grandes empresas estão nas mãos de “oriundis” ou descendentes daqueles trabalhadores que embarcaram no final do século passado nos portos italianos apenas com malas contendo poucos pertences e muita vontade de melhorar suas vidas.



Giuliano Ággio

## Tradição, comida e arte

Calcula-se que atualmente há em Campinas mais de 360 famílias de descendentes e “oriundis” italianos. Elas comemorarão amanhã, na Fonte Santa Teresa, em Valinhos, os festejos do centenário da imigração italiana. Com danças, comidas e bebidas típicas da Itália, lembrarão sua cultura e a vinda dos primeiros trabalhadores das mais diversas regiões da Itália. Desde o norte — Verona, Veneza, Milão — passando pela zona central — Roma, Firenze, Toscana — até o sul do país — Nápoles, Calábria e Sicília. Sem deixar de mencionar as ilhas de Sardenha e Córsega.

Atualmente, Campinas ainda abriga trabalhadores que possuem carteiras de trabalho emitidas na própria Itália. Segundo registros do vice-consulado da Itália em Campinas, cerca de 750 “oriundis” recebem aposentadoria do governo italiano, mas residem aqui.

Além disso, o comércio e a indústria do município e da região estão nas mãos de muitos descendentes. Grandes, pequenas e médias indústrias ou lojas

mantêm em suas fachadas ou razões sociais, sobrenomes como Smanio, Franceschini, Ággio, Righeto, Campagnone, Guernelli, Argenton e muitos outros.

## Artes

Porém, a Itália não trouxe para o Brasil somente trabalhadores. Também artistas. A tradicional cultura italiana, carregada de grandes poetas como Dante, pintores como De Chirico, Raphael, Fra Lippo Lippi e muitos outros, deixou em Campinas artistas como Bernardo Caro, Thomas Perina, Lello Coluccini e Aldo Cardarelli. Em São Paulo, temos Volpi. Na direção do Museu de Arte de São Paulo está um dos mais importantes conhecedores das artes plásticas: Pietro Maria Bardi, convidado por Assis Chateaubriand para organizar o Masp.

A Itália tem profundos laços de amizades e relacionamento político/social com o Brasil. A maior prova disto está nesses nomes que aqui residem e hoje integram a comunidade brasileira.

## Carinha que mamãe beijou não é qualquer mão que põe óculos.



A Fotoptica tem ópticos especializados que ajudam você a escolher os óculos que ficam melhor em seu rosto.

Na compra dos óculos, você recebe a Carteira da Boa Visão, que lhe dá as seguintes vantagens:

- Garantia de 6 meses contra a quebra das lentes.
- Desconto especial nas compras a vista.
- Seguro contra perda ou roubo.
- Descontos adicionais ao completar 5 compras.
- 10 pagamentos sem acréscimo.

A Fotoptica não cobra nada a mais por isso, só o preço justo.

Consulte primeiro um oculista e depois nos traga sua receita. Ótica Fotoptica, recomendada há mais de 50 anos pela classe médica.

Shopping Center Iguatemi - Campinas - Tel. 51-0744.

Óculos em 10 pagamentos sem acréscimo



hoje é dia de

# macarronada

**CENAT**  
você de bem com a vida

Hoje tem macarronada integral completa no CENAT - 1º Centro de Naturismo de Campinas. Você, que exige uma alimentação saudável e natural, participe desse grande movimento de massas.



Rua Barão de Jaguara, 1260 - esq. Gal. Osório  
Fone: 32.5140 - Campinas

Em Campinas, poucas opções após a semana de trabalho

# Lazer, um problema para os fins de semana

Calçada da 13 de Maio, 15h de uma sexta-feira. Uma multidão invade lojas e magazines vasculhando as ofertas, espremida entre floreiras e consumindo tudo que encontra pela frente — desde aparelhos de som e camisetas até meias de camêlo, revistas e churros encharcados de óleo. A noite logo chega e o convívio se transforma numa imensa passarela de desocupados e solitários em busca de programas. A multidão já está em casa, provavelmente vendo televisão ou pensando no que fazer no fim de semana.

Alguns não saíram de casa, outros talvez vão ao cinema, muitos aos principais pontos turísticos da cidade, mas ainda sobra gente para ir ao campo de futebol, aos clubes, aos pontos de encontro da mocidade, dos velhos, das crianças, dos "paqueras" e também os que não têm para onde ir.

São quase 700 mil pessoas que vivem dentro de 781 quilômetros quadrados de área pouco privilegiada pela natureza e apresentando alguns fenômenos difíceis de serem explicados como, por exemplo, um cinema para cada 100 mil habitantes e nenhum na periferia, quando em outras médias e grandes cidades a proporção é de 1 para cada 30 mil.

Mais difícil ainda é responder porque três cinemas — Scorpions, Alvorada e São José — fecharam suas portas em apenas três anos. E assim, o que fazer em Campinas nos finais de semana se transforma no grande drama dos campineiros. O problema cresce à medida em que se apertam os cintos da economia. É que, como dizem os economistas, "cada vez sobra mais mês no fim do salário". Vamos ver o que fazem os campineiros após a jornada semanal de trabalho.

## Para os idosos, poucas opções além dos bancos

Apesar do vento frio, o verão está chegando e, com ele, os campineiros já começam a se preocupar com o eterno problema da cidade: poucas opções de lazer. Numa pesquisa realizada esta semana pelas ruas centrais, envolvendo 41 campineiros, 15 disseram que passam os fins de semana de frente à TV porque não têm onde ir. Para os demais, ainda restam opções que começam pela Lagoa do Taquaral e Bosque dos Jequitibás, passam pelas visitas aos amigos, futebol, leitura de jornal, clubes e dão até uma esticadinha à Praia Azul (em Ame-



Bosque dos Jequitibás, uma das opções para qualquer idade

ricana), Fonte Sônia (em Valinhos) ou nos arredores de Sousa.

A escolha de locais para passar as tardes ensolaradas de sábado e domingo varia de acordo com a classe social dos entrevistados, assim como também, obviamente, os interesses de acordo com faixas etárias. Por exemplo, os jovens de classe alta e média gostam dos "footings motorizados" ao redor da Torre do Castelo (nas noites de sábado) e da Lagoa do Taquaral (nas tardes de domingo), enquanto os trabalhadores preferem o interior da Lagoa ou o Bosque dos Jequitibás, locais também de atração para quem passeia em família.

Quase todos os jovens entrevistados falaram com saudades dos "rachas" da Aquidabã, que depois de reprimidos pela polícia, "já não têm a mesma graça de outros tempos", apesar de que os motoqueiros e "cocotas" agora andam a 100 pelo "tapetão" de Barão Geraldo, ou seja, a estrada que liga Campinas àquele distrito. Com a mesma saudade, eles lembraram dos tempos que era possível "curvar" pelo balão do Castelo, agora todo recortado e restrito à paquera e aos batapedos em automóveis, motos ou

botechos. Para os jovens mais chegados ao fliperama ou no velho estilo do "footing", o Shopping Center continua despontando como um bom local para o passeio de fim de semana.

### Crianças

Para as crianças, Campinas é farta em passeios. Elas têm meia dúzia de casas de teatro com programações constantes de peças infantis, têm os cinemas especializados em filmes de palhaçadas e aventuras e também o consolo de brincar nos centros de lazer espalhados pela cidade, embora nem todos os bairros tenham a mesma sorte. Neste caso, depois de infernizar os lares, dependendo do tanque de gasolina do pai, elas podem brincar na Lagoa do Taquaral, dar mergulhos no rio Atibaia ou ainda espisar as estrelas no Observatório do Morro das Cabras.

Enquanto isso, os que mais sofrem em Campinas são os velhos. Para eles restam apenas os bancos de praça ou o cansadíssimo programa Silvio Santos. De outro lado, em matérias de programas especiais, os campineiros não reclamaram da escassez de shows de artistas famosos ou de peças de teatro. Eles reclamaram foi do

preço da entrada, sendo que em razão disso disseram dar preferência aos poucos cinemas da cidade. E, por falar em shows, que lembram vida noturna, eis o maior "grilo" na cabeça dos campineiros.

## Os programas noturnos, caros e esporádicos

Das 41 entrevistas, as maiores queixas ficaram por conta da noite campineira, ainda mais insossa e estratificada que as tardes de verão. Por exigir altos investimentos, o programa noturno eminentemente varia de acordo com os salários dos campineiros. E, quando estes são pagos, por volta do dia 10 de cada mês, o local mais concorrido pelos solteiros e solteirões continua sendo o Jardim Itatinga, engordando as estatísticas policiais, com sua centena de prostíbulo e quase 1000 mulheres.

Também para os solteiros e solteirões, incluindo as solteiras que gostam de dançar ao som dos "Bee Gees" ou de canções de Roberto Carlos e Nelson Gonçalves, os bailes do "seo" Domingos, do Camões e do D.

Quixote, todos no triângulo da "Boca Maldita", são concorridíssimos. Quase dentro deste mesmo esquema, só que mais especializados para os roqueiros que de vez em quando dão suspiros enquanto dançam coladinhos, o Concórdia promove bailes todos os domingos.

E quem gosta de algo mais íntimo pode usar e abusar do Alcazar, do Cangaceiro e de seus co-irmãos espalhados pela periferia e arredores da cidade. Os desquitados e viúvas não devem se queixar de solidão. Eles podem se encontrar nas noites de sábado, no Pólo Norte, onde sempre há um bailinho ao estilo dos velhos tempos, com samba-canção e cuba-libre.

### Para a classe média

Para os "cocotas" afortunados, além do Baila-Comigo, Vó Sucena, está surgindo uma nova mania na cidade, o "Boo-ling", um "dancing-day" com pista de boliche. Para conversar mais sérias, os botechos do Cambuí, Castelo e Taquaral são os mais procurados, alguns requintados e outros mais à vontade, mas comportando todas as tendências, desde de taças de cristal até mesas toscas com toalhas xadrez.

Intelectuais e estudantes que só bebem cerveja marcam seus

encontros na orla do Centro de Convivência ou no decadente "PC", outrora movimentado centro que decidia rumos do movimento estudantil de Campinas.

Apesar de aparentemente a noite campineira comportar programas para todas as classes sociais, gostos, idades e preferências sexuais, os entrevistados fizeram questão de enfatizar que a cidade carece de locais públicos, providos de segurança, para passear até a meia-noite ou mais. Os mais saudosos lembraram que Campinas não tem uma fonte luminosa por exemplo.

Os boêmios fizeram duras críticas aos horários de fechamento dos botechos. Poucos são os bares noturnos que permanecem abertos até altas horas da madrugada e mais raros ainda, os que deixam passar a noite. Neste sentido, o maior peso das críticas saiu da boca dos que não têm carro. Porém, os que têm, mas nem sempre podem dispor de dinheiro para passar a noite nos motéis caríssimos ou nos "love's drive-car", apesar dos insistentes apelos do delegado Amândio Malheiros Lopes, continuam lotando os "malômetros" e até mesmo os pontos mais escuros da cidade. Para este tipo de ousadia uma advertência: A Polícia registra semanalmente uma média de três casos de assalto seguidos de estupro, sempre por causa dos namoradinhos que insistem em permanecer na mira dos bandidos.

## Na agenda, a TV, cinema, bar e o infalível Bosque

"O que você faz em Campinas nos finais de semana?" — Esta pergunta foi feita a 4 campineiros que transitaram pelo Largo do Rosário na tarde da última quinta-feira, escolhidos segundo critérios para dar uma mostra geral do que perpassa sobre a cidade, conformidade e classe social. Eis as respostas de alguns:

Maria Bernardete, 21 anos, empregada doméstica: "Sabe de uma coisa? Não faço nada. Quando estou namorando, gosto de passear pelo Bosque para chupar um picolé e ver os bichos".

Alcione, 21 anos, estudante da Unicamp: "Quando não tem prova ou trabalho, prefiro papear com os amigos. É infalível uma passadinha pelo Paulistinha (bar do Centro de Convivência) nas noites de sábado".

Christiano, 17 anos, estudante secundarista: "Esta cidade não está com nada. A única coisa que faço em fim de semana é jogar bola ou nadar um pouquinho".

Valério, 18 anos, estudante e escriturário: "Comigo não tem bronca, quando o timão (Guarani) não joga aqui, qualquer um pode me encontrar no campinho que tem perto da minha casa (na Vila Ipê)".

Edmilson, 9 anos, filho de pedreiro: "Eu fico em casa. De vez em quando meu pai me leva no Bosque ou na Lagoa do Taquaral".

Simone, 11 anos, filha de industrial: "Eu gosto de ir ao teatro com minha irmã, mas gosto também de viajar. Outro dia eu fui para Itu".

Carlos Alberto, 32 anos, bancário: "Para quem tem filhos como eu (ele tem dois) a cidade oferece poucas chances. Não tenho um lugar de preferência, mas geralmente a melhor opção fica para um pulo à Praia Azul ou em Sousa".

Ivonete, 40 anos, dona-de-casa: "Meu marido é muito caseiro e eu sou obrigada a ficar com ele. A gente quase nunca sai".

## CENTRO MÉDICO ESPECIALIZADO S/C LTDA



GINECOLOGIA - OBSTETRÍCIA  
ESTERILIDADE CONJUGAL  
PLANEJAMENTO FAMILIAR

Rua Emílio Ribas, 70 - Cambuí - CEP 13.100 - Campinas/SP

Fone (0192) 52-7666

Comunica a reestruturação de seu Corpo Clínico que passou a contar com os Especialistas Prof. Dr. Milton S. NAKAMURA, dr. LUIZ ÂNGELO Albuquerque e Dr. Milton Valente RIBEIRO.

## LEITURA DINÂMICA

### INÉDITO

Exclusivamente para Executivos, Homens de Negócio e Pessoas muito ocupadas. Em apenas três semanas, somente à noite em com três horas por dia você poderá ultrapassar a velocidade de 1.000 palavras por minuto, com compreensão, mais memória e maior capacidade de análise e síntese. Técnicas avançadas de Leitura Dinâmica, com auxílio de Concentração e Relaxamento. Turma única de 30 participantes. Reservas pelo telefone: 2-3413. Livraria Kosmos Editora S/A.



Campinas tem apenas 7 cinemas para 700 mil habitantes

# APROVEITE!

Quinzena  
MALUJO



OFERTAS:  
CORTINA TERGAL RELEVO RHODIA  
várias cores, nas medidas 2,80X3,00,  
2,80X3,50 e 2,80X4,00m.  
a partir de

**Cr\$ 3.899,**  
a cortina

CARPETE NYLON 6mm  
Tabacow, anti-alérgico,  
anti-mofo.  
a partir de

**Cr\$ 1.999**  
o m2

CORTINAS  
CARPETES  
E TAPETES

GRÁTIS  
ORÇAMENTO  
E COLOCAÇÃO



8-9555  
E 8-9399

RUA BARÃO DE JAGUARA, 468 - LGO. DO PARÁ